Antes das sardinhas e dos arraiais: como nasceram os Santos Populares de Lisboa

SIC - 5 de junho de 2026

Quando junho chega, Lisboa transforma-se. As ruas enchem-se de manjericos, o cheiro a sardinha assada invade os bairros históricos e milhares de pessoas saem à rua para celebrar os Santos Populares. Mas afinal, de onde surgiu esta tradição que hoje é uma das maiores marcas culturais da capital?

A resposta não é simples. Os Santos Populares de Lisboa são o resultado de séculos de costumes populares, devoção religiosa e identidade comunitária, misturados numa celebração que foi evoluindo até se tornar no fenómeno que conhecemos atualmente.

Uma tradição mais antiga do que parece

Embora estejam associados à religião católica, os Santos Populares têm raízes que recuam muito para além do cristianismo. Muitos historiadores apontam para antigas celebrações ligadas ao solstício de verão, realizadas em vários pontos da Europa para assinalar a chegada dos dias mais longos, a fertilidade e a abundância. Com o passar dos séculos, a Igreja integrou essas festividades populares no calendário religioso, associando-as a três santos celebrados durante o mês de junho: Santo António, São João e São Pedro.

Em Lisboa, foi Santo António quem conquistou um lugar especial no coração dos habitantes. Nascido na cidade no século XII, tornou-se uma das figuras religiosas mais populares do país e acabou por ser adotado como símbolo maior das festas lisboetas. O seu dia celebra-se a 13 de junho, data que é feriado municipal na cidade.

Dos arraiais de bairro às marchas populares

Muito antes das grandes avenidas se encherem de cor e música, os festejos aconteciam sobretudo nos bairros. Alfama, Mouraria, Bica, Madragoa ou Graça organizavam arraiais onde vizinhos e famílias se reuniam para cantar, dançar e conviver. As ruas eram decoradas de forma artesanal e cada comunidade procurava afirmar a sua identidade própria.

Já existiam referências a marchas e desfiles populares em Lisboa desde o século XVIII, mas foi apenas em 1932 que surgiu o modelo que ainda hoje conhecemos. Nesse ano, o jornalista e cineasta José Leitão de Barros organizou as primeiras Marchas Populares competitivas na Avenida da Liberdade, reunindo diferentes bairros da cidade numa celebração comum. O sucesso foi imediato e atraiu centenas de milhares de espectadores. Pouco tempo depois, as marchas passaram a integrar oficialmente as Festas de Lisboa.

Uma tradição reinventada pelo século XX

As Marchas Populares cresceram durante o Estado Novo, período em que as tradições populares foram valorizadas como símbolos da identidade nacional. A festa ganhou organização, regras, figurinos e uma dimensão pública cada vez maior. O que tinha começado como expressão espontânea dos bairros tornou-se também um espetáculo urbano cuidadosamente preparado.

Apesar dessa institucionalização, a ligação aos bairros nunca desapareceu. Ainda hoje, meses antes do desfile, dezenas de coletividades locais começam os ensaios, preparando músicas, coreografias e figurinos que representam a história e o orgulho das suas comunidades.

Casamentos, manjericos e sardinhas: os símbolos que ficaram

Os Santos Populares não vivem apenas das marchas. Ao longo do tempo, várias tradições tornaram-se inseparáveis da festa.

Os manjericos com quadras românticas continuam a ser oferecidos entre namorados e amigos. As sardinhas assadas tornaram-se o prato emblemático das noites de junho. E desde 1958, os Casamentos de Santo António permitem que vários casais celebrem o matrimónio com apoio da cidade, reforçando a ligação do santo à ideia de amor e união.

Porque continuam os Santos Populares a fascinar?

Num tempo em que as cidades mudam rapidamente, os Santos Populares mantêm algo raro: a capacidade de reunir diferentes gerações na rua. Durante algumas semanas, Lisboa recupera o espírito de comunidade que marcou a sua história, transformando bairros inteiros em salas de estar ao ar livre.

Talvez seja por isso que a festa continua tão viva. Mais do que uma celebração religiosa ou turística, os Santos Populares são uma manifestação de identidade coletiva. São a memória dos bairros, das famílias e das tradições que fizeram de Lisboa a cidade que é hoje.

https://sic.pt/sic-mulher/lifestyle/2026-06-05-antes-das-sardinhas-e-dos-arraiais-como-nasceram-os-santos-populares-de-lisboa-71e4f243